

Olga Pombo | Da Civilização da Palavra à Civilização da Imagem



1. De que trata este seu livro "Da Civilização da Palavra à Civilização da Imagem"?

R- Justamente daquilo que o título procura enunciar -*Da Civilização da Palavra à Civilização da Imagem*- mas de forma interrogativa. Estaremos de facto a abandonar a civilização da escrita e a passar para a civilização da imagem? Será que essa passagem pode ou deve ser pensada à luz daquela outra que se operou entre uma primordial civilização da voz e a invenção da escrita? Que pode significar estarmos a entrar num mundo icónico, fundado em regimes visuais de pensamento e comunicação? E, posto que aceitemos estar já no interior de uma nova configuração civilizacional, em que consiste o papel que a imagem aí é chamada a desempenhar? Qual o destino da escrita face à dita supremacia da imagem? De que forma determina ela a nossa vida e a nossa forma de estar o mundo? Qual o seu estatuto cognitivo? Que efeitos tem a imagem sobre o nosso conhecimento do mundo? Em limite, o que é isso de uma imagem? Será ela uma mera aparição, uma simples mediadora, efémera e evanescente, destinada a desaparecer face à presença soberana do conceito? Ou, pelo contrário, ela é uma apresentação sensível autónoma, um condensado de sentidos e horizontes de possibilidade que só nela se dá a ver?

2. O livro tem origem num colóquio internacional: quais as principais ideias apresentadas que foram acolhidas nesta obra?

R- Como seria de esperar, o colóquio ofereceu diversas entradas ao tema proposto. Não apenas porque todos os colóquios o fazem (é para isso que se fazem colóquios) mas porque, em si mesma, a imagem é um objecto indisciplinado, que se situa no cruzamento de diversos territórios. Filosofia, Iconografia, História da Arte, Sociologia, História das Religiões, Semiologia, Estética, Antropologia, são hoje formas de aproximação a essa entidade enigmática que é uma imagem. Neste livro reúnem-se quinze estudos que pretendem questionar a natureza da imagem reclamando-se de diversas heranças teóricas: Platão, Aby Warburg, McLuhan, Ranciere, Deleuze. Alguns dos estudos aqui apresentados reenviam à experiência da arte (é o caso da pintura de Kandinsky e do teatro de Beckett). Outros constroem-se com base no reconhecimento da sabedoria da escrita (dos caligramas de Apollinaire aos diagramas de Peirce, da meditação sobre o oralismo e a escrita de Havelock à teoria da imagem tardo-escolástica do jesuíta português do século XVII Agostinho Lourenço). Outros, ainda, trazem consigo os segredos da memória (Aby Warburg) ou remetem para o horizonte das novas tecnologias da imagem, quer para estudar a mitologia contemporânea que ela desencadeia, quer para interrogar o alcance da imagiologia cerebral de que estamos nos rodeados, quer ainda para escutar um dos maiores teóricos das imagens técnicas (Vilém Flusser).

3. Imagem-Palavra: que civilização é esta em que nos estamos a transformar?

R- Ninguém sabe responder a essa pergunta. O futuro está fechado. Mas há vários palpites. E sensibilidades. Entre os catastrofistas que anunciam o advento de uma nova barbárie e os optimistas que exaltam as virtualidades múltiplas das novas tecnologias e do ciberespaço, estaremos porventura a caminhar para sociedades icónicas nas quais os humanos aprendem a pensar e comunicar de forma cada vez mais diagramática, imagética, pictural enquanto que, ao seu lado, se desenvolvem agentes artificiais, computadorizados, digitalizadas, também eles operando em regimes visuais de comunicação.